ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20 e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga

UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

Índice

15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Pré-História

19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas

33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes

45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira

61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura

75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues

95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa

105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves

119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinito

135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge

149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz

167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa

179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira

195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro

203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas

227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho

241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva

253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves

267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia

285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia

299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz

313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar

327 Análise isotópica estável (Δ13C) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgina Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro

333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel

345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva

357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves

365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria

389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco

401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça

411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter

439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues

451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz

463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira

481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá

493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva

507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório

519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix

533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira

549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu

563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes

575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra

585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto *CAESAR*
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas "pedras de raio"
Fernando Coimbra

611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha

625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro

633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins

665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva

679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias

693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões

707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes

723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes

731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum

741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer

755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre

771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, nos 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro

785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein

801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva

815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada

831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso

843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão

859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva

873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato

885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

901 A *terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos

915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo

931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Letícia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro

941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães

953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira

965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz

977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench

993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães

1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques

1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata

1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão

1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva

1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes

1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga

1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho

1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento

1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva

1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade

1169 "Ante o cruzeiro jaz o mestre": resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins

1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix

1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme

1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa

1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira

1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado

1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha

1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques

1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro

1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira

1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro

1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquinito / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca

1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço

1379 "Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres": as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain

1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate

1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro

1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva

1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva

1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados--finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva

1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant'Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro

1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes

1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto

1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González

1495 A *Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas

1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão

1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho

1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira

1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt

1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire

1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano

1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba

1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporanidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva

1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto

1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira

1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológico da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva

1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias

1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Subserra e na Bateria Nova de Subserra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos

1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação

1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa "invadiu" o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva

1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos

1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão

1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares

1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro

1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis

1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio

1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis

1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins

1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco). Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes

1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo

1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lígia Vitale / Raquel Vilaça

1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira

1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre

1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz

1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maçãs (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões

1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra

1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz

2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum

2025 "Cada cavadela sua minhoca": Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco

2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves

2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos

2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge

2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal

2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

2103 Pré-História e "Antropologia Cultural": repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge

2115 "Onde está o Wally?" Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito

2125 "Criei o hábito de geralmente ignorar": sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga

2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão

2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins

2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes

2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel

2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos

2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco

2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso

2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Claúdio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

2245 Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva

2261 A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico*
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes

2273 A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta
José António Gonçalves / João Marrocano

2291 A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo
Tiago Silva

2301 O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek

2307 Tecnologias de Deteção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos

2321 Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos
César Oliveira

2331 Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea

2343 Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota

2357 Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira
Arlette Figueira / Miguel Lago

2365 Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu

2381 Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)
Nuno Mota / Ana Caessa

2393 Arqueologia Urbana no Município de Coimbra
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo

2407 A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira

2419 Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte
Paulo Morgado / Sónia Filipe

2433 Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel

2441 Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

SOBRE A INFLUÊNCIA DA CERÂMICA GREGA NAS PRODUÇÕES DE CERÂMICA CINZENTA DO ESTUÁRIO DO TEJO: UM VASO EMBLEMÁTICO ENCONTRADO NAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO LARGO DE SANTA CRUZ (LISBOA)

Elisa de Sousa[1], Sandra Guerra [2], João Pimenta[3], Roshan Paladugu[4]

RESUMO

Recentes intervenções arqueológicas efectuadas no topo da colina do Castelo de São Jorge, em Lisboa, permitiram recuperar um conjunto significativo de materiais associados à ocupação da segunda metade do 1º milénio a.C. Entre estes, foi identificada uma peça particular, produzida em cerâmica cinzenta, que parece estar inspirada em modelos de cerâmica ática de figuras vermelhas, mais concretamente nos *krateres* de sino, que chegam ao território português durante a 1ª metade do século IV a.C. Trata-se de uma evidência singular no registo artefactual pré-romano do Baixo Tejo, ainda que a influência dos protótipos gregos já tenha sido identificada em outras morfologias nesta região centro atlântica. Salienta-se ainda a presença, na superfície interna do recipiente, de um revestimento à base de calcite, provavelmente destinado à sua impermeabilização, sendo um elemento relevante para discutir a sua funcionalidade.

Palavras-chave: Atlântico; Idade do Ferro; Cerâmica cinzenta; Cerâmica grega; Inspiração/emulação.

ABSTRACT

Recent archaeological excavations carried out at the top of the Castelo de São Jorge´s hill in Lisbon have led to the recovery of a significant set of artifacts associated with the occupation of the area during the 2nd half of the 1st millennium BC. Among these findings is a vessel of gray ware that appears to have been inspired by models of Attic red-figure pottery, specifically bell *kraters*, which arrived in the Portuguese territory during the 1st half of the 4th century BC. This piece is unique evidence in the pre-Roman repertoire of the Lower Tagus, although the influence of Greek prototypes has been previously identified in other morphologies in this central Atlantic region. It is also worth noting the presence, on the inner surface of the container, of a calcite-based coating, probably intended for sealing, which is a relevant element to discuss its functionality.

Keywords: Atlantic; Iron Age; Gray wares; Greek pottery; Inspiration/emulation.

1. Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; : https://orcid.org/0000-0003-3160-108X / e.sousa@campus.ul.pt

2. https://orcid.org/0009-0009-6837-5670 / smsguerra70@gmail.com

3. Museu Nacional de Arqueologia; Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; https://orcid.org/0000-0001-5149-5566 / joaopimenta@mnarqueologia.dgpc.pt

4. Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology; https://orcid.org/0000-0003-4954-6752 / roshan_paladugu@eva.mpg.de

1. INTRODUÇÃO

Na fachada centro-atlântica do território português, o período tradicionalmente designado por 2ª Idade do Ferro revestiu-se de dinâmicas particulares em termos históricos, e que facilmente se distinguem de outros horizontes contemporâneos mais meridionais. No caso específico do estuário do Tejo, estudos recentes têm permitido caracterizar de forma cada vez mais detalhada esta fase, que se estende entre o século V e os meados do século II a.C., quer no que diz respeito à reorganização das estratégias de exploração e reocupação do território (Sousa, 2017), quer ao nível das especificidades da própria cultura material (entre outros, Arruda, 2005; Olaio, 2018; Sousa, 2014; Sousa & Pimenta, 2014).

As tipologias das diferentes categorias cerâmicas destes momentos tardios da Idade do Ferro revelam, efectivamente, uma série de especificidades que refletem, num certo grau, o desenvolvimento autónomo desta esfera cultural ocidental (Sousa, 2015). No entanto, esta tendência não impediu que o contacto com alguns materiais exógenos, particularmente durante o século V e a primeira metade do século IV a.C. (Sousa, 2016, 2019), tenham influenciado pontualmente os repertórios ocidentais centro-atlânticos.

Com efeito, e no quadro da temática deste trabalho, nota-se a influência que alguns protótipos de cerâmica grega, que chegaram a esta região sobretudo durante o século V e a primeira metade do século IV a.C. (para uma síntese recente ver Arruda & Sousa, 2019), tiveram sobre algumas produções locais, mais especificamente no grupo das cerâmicas cinzentas.

Este fenómeno já tinha sido anteriormente identificado pela presença de taças de perfil carenado e pé desenvolvido, dotadas de asas laterais, e que denunciam indubitavelmente influências de formas áticas (em particular das *kylikes* e/ou *stemmed cups* – Sousa & Pimenta 2017). Infelizmente, a escassez de dados contextuais para estes materiais tem dificultado a caracterização dos contornos cronológicos nos quais se inserem. Os únicos casos em que estas peças surgiram associadas a contextos conservados localizam-se em Lisboa, entre meados do século III e o terceiro quartel do II a.C. (Pimenta *et al*. 2014a, p. 714-715, 718; Pimenta *et al*., 2014b; Fernandes & Coroado, no prelo) e no Castro de Chibanes, em níveis do final da Idade do Ferro e início do período romano-republicano (Fase II e III A – Sousa, 2021a, p. 135).

É justamente neste âmbito que o achado singular efectuado durante as intervenções decorridas no Largo de Santa Cruz do Castelo (Edifício 6-7), em Lisboa, no topo da colina do Castelo de São Jorge, ganha uma particular importância. A peça em questão não só permite alargar o elenco tipológico das influências dos protótipos helénicos sobre as produções locais do Baixo Tejo, mas também, pela sua associação contextual, estabelecer parâmetros cronológicos mais específicos para a emergência deste fenómeno.

2. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

As escavações arqueológicas no Largo de Santa Cruz do Castelo (Edifício 6-7) tiveram o seu início em 2014, sob a direcção de um dos signatários (S.G.). Os trabalhos proporcionaram dados relevantes sobre as ocupações mais antigas desta área, com particular destaque para a Idade do Ferro, tendo permitido recuperar sequências estratigráficas bem conservadas que abarcam um período cronológico extenso, mais concretamente entre o século VII e o século IV a.C. (Guerra & Sousa, 2020; Sousa & Guerra, 2018, no prelo).

Ainda que as últimas fases desta ocupação tenham sido as mais afectadas pelo dinamismo construtivo dos momentos posteriores, foi possível identificar, em alguns dos espaços escavados, níveis conservados dos séculos V e IV a.C., sendo ainda de referir a recolha, infelizmente descontextualizada, de alguns fragmentos de cerâmicas áticas (Sousa & Guerra 2018). A peça aqui analisada é, felizmente, proveniente de um dos estratos primários, localizado no sector designado de Edifício 2 Sala 2 (Sousa & Guerra, no prelo).

Nesta área, a última fase de ocupação da Idade do Ferro conservada permitiu identificar uma zona aparentemente interior de um compartimento, conservando-se restos de um piso de argila, de tom amarelado, associado a um espaço de combustão (U.E.s [10] e [11], respectivamente). Neste último momento de ocupação, detectou-se também uma fossa, escavada no referido pavimento, de forma circular e com cerca de 35 cm de profundidade (U.E. [24]). Esta estrutura negativa encontrava-se preenchida por um sedimento castanho, com inclusões de argila e carvões, e alguns blocos de calcário de tamanho médio (U.E. [23]). No seu interior, recuperaram-se apenas fragmentos de dois recipientes. Um deles corresponde a um fundo aplanado de produção manual, sendo o outro, de perfil bastante completo,

pertencente ao vaso de cerâmica cinzenta que deu origem a este trabalho (U.E. [28/29]), e que permite estabelecer um *terminus post quem* a partir da primeira metade do século IV a.C. para a formação deste nível. Resta, por último, referir que estas realidades foram posteriormente cobertas por um sedimento castanho (U.E. [13]), correspondendo ao último estrato da Idade do Ferro identificado no sector (Sousa & Guerra, no prelo).

3. MORFOLOGIA E PRODUÇÃO

A peça de cerâmica cinzenta recuperada no contexto anteriormente referido corresponde a um vaso de perfil quase completo, com 26,25 cm de altura conservada.

A sua base, com 12 cm, é convexa, suportando um corpo de tendência ovalada, que atinge o seu diâmetro máximo, de 32,5 cm, na zona superior, junto às asas. Tem ainda conservada a zona do colo, que é ligeiramente assinalado, anunciando um bordo exvertido, mas que infelizmente não se conservou.

O aspecto que mais claramente remete para uma influência helénica é a presença de duas asas horizontais, localizadas da zona superior do corpo. Têm cerca de 8 cms de largura e 6 cms de comprimento, sendo a sua secção circular.

Considerando todos os aspectos morfológicos enunciados, parece possível propor que se trate de uma peça inspirada nos protótipos dos *krateres*, e, mais especificamente, dos *krateres* de sino do tipo 2 da Ágora de Atenas (Moore, 1997), ainda que não se tenha procurado reproduzir as características da sua base. Com efeito, os modelos áticos exibem, por norma, um estreitamento na zona inferior da peça, que se apoia numa base mais sólida, geralmente de perfil anelar ou escalonado.

Outros dois aspectos que distanciam a peça de Lisboa dos protótipos helénicos é a presença de um colo, ainda que este seja apenas ligeiramente assinalado, e a projecção dos elementos de preensão, que é mais horizontal e não orientada para cima, como nos protótipos originais gregos.

De qualquer forma, gostaríamos de chamar a atenção para as proporções da peça de Lisboa, que não se distanciam dos vasos que terão inspirado esta forma. Com efeito, e atendendo às dimensões dos *krateres* de sino de perfil completo conhecidos no território português, todos eles procedentes da necrópole de Alcácer do Sal (Rouillard *et al*., 1988-1989), e cujas alturas oscilam entre os 26 e os 35,75 cm e diâmetros máximos do corpo entre 21 e 27,5 cm, parece que a peça de Lisboa segue, *grosso modo*, as proporções destas morfologias.

É, contudo, evidente que não se trata de uma reprodução fiel do modelo grego, sendo ainda assim claramente inspirada nesta morfologia exógena. O reconhecimento desta forma, e a sua associação aos protótipos do Mediterrâneo Oriental, só foi possível graças ao excelente estado de conservação da peça recolhida no Largo de Santa Cruz, e em particular dos seus elementos de preensão. Assim, não é impossível que alguns exemplares até agora classificados como o tipo 4Aa de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo (Sousa, 2021b) possam corresponder também a vasos inspirados nos modelos helénicos, mas cuja classificação não é obtida devido ao estado de fragmentação das peças. Neste âmbito, apenas a análise dos elementos de preensão poderá ser mais elucidativa.

A peça de Lisboa tem como paralelo mais próximo um recipiente recolhido no Castro de Chibanes, no Baixo Sado, ainda que neste caso a sua produção se integre no grupo da cerâmica comum (Pimenta *et al*., 2019, p. 64). Este exemplar apresenta também asas horizontais, neste caso com uma projeção mais orientada para cima, tendo um bordo exvertido, de secção simples, e um colo relativamente bem marcado. Atendendo às suas características morfológicas e dimensões, é possível que corresponda, também neste caso, a um modelo inspirado nos *krateres* de sino. Infelizmente, não se dispõem de dados sobre o seu contexto original, tendo sido recolhida nos inícios do século XX por A. I. Marques da Costa, estando actualmente depositada no Museu Nacional de Arqueologia. Cabe, ainda assim, recordar que o Castro de Chibanes foi ocupado entre momentos tardios da Idade do Ferro e o período romano-republicano (Pimenta *et al*., 2019).

Como foi anteriormente referido, a peça de Lisboa foi produzida em cerâmica cinzenta, tendo ambas as superfícies cuidadosamente polidas. A sua pasta exibe um núcleo alaranjado, com partículas de moscovite, calcite e alguns quartzos.

Corresponde, muito provavelmente, a uma produção local/regional tendo correspondência com o grupo II estabelecido para a Rua dos Correeiros (Sousa, 2014, p. 131) e com a amostra G2 do Largo de Santa Cruz do Castelo, que integrou um recente estudo arqueométrico (Ferreira *et al*., 2020).

4. DADOS ARQUEOMÉTRICOS SOBRE O REVESTIMENTO INTERNO

Como foi referido anteriormente, esta peça de cerâmica cinzenta apresenta, em toda a zona interna conservada, uma película de tonalidade esbranquiçada, com cerca de 1 mm de espessura, bastante aderente à superfície. No quadro do projecto de doutoramento de um dos signatários (R.P.) foi possível proceder à análise deste elemento.

Este revestimento interno foi inicialmente raspado suavemente com o auxílio de espátula de metal limpa. O pó resultante foi coletado em um tubo Eppendorf para Attenuated Total Reflection – análise Fourier Transform Infrared Spectroscopy (ATR-FTIR). Uma pequena quantidade do pó branco foi colocada no cristal de diamante do módulo ATR do espectrômetro infravermelho Bruker Alpha. O espectro foi obtido com uma resolução de 4 cm^{-1} e 128 acumulações entre uma faixa espectral de 4000 cm^{-1} – 400 cm^{-1}.

Um pico forte está presente a 1024 cm^{-1}, que foi atribuído à vibração de alongamento da ligação P-O, enquanto os picos em 602 cm^{-1} e 560 cm^{-1} podem ser atribuídos à vibração de alongamento O-P-O (Samla-Ancane & Borodajenko, 2008). Portanto, o espectro sugere a presença de fosfato de cálcio. No entanto, a presença de uma grande banda de baixa intensidade centrada em 1420 cm^{-1}, juntamente com um pequeno pico em 873 cm^{-1}, sugere a presença de carbonato de cálcio. A intensidade relativa desses dois picos não é compatível com a da calcite pura e a pesquisa nas bases de dados disponíveis encontrou correspondência na composição da carbapatite, sugerindo a presença de fosfato de cálcio carbonatado. Com base nas informações acima referidas, o revestimento branco identificado na superfície interna do vaso do Largo de Santa Cruz parece ser um mineral fosfato-carbonato de cálcio. Com a análise FTIR, apenas as inferências preliminares acima indicadas podem ser realizadas, sendo necessária uma análise mais aprofundada para uma interpretação mais conclusiva, de forma a entender sua natureza química.

5. O VASO DO LARGO DE SANTA CRUZ NO QUADRO DAS PRODUÇÕES DE INSPIRAÇÃO HELÉNICA DO OCIDENTE PENINSULAR

A peça estudada neste trabalho terá provavelmente tomado como inspiração os modelos gregos de figuras vermelhas dos *krateres* de sino. Na Península Balcânica, esta forma surge ainda durante o século V a.C., mas é apenas durante o final dessa centúria, e sobretudo no século IV a.C., que se torna mais frequente, correspondendo, inclusivamente, à morfologia de maior dimensão mais popular dessa época (Moore, 1997, p. 31-33). A sua funcionalidade original está directamente associada às práticas de *symposium*, mais especificamente para a mistura de vinho com água ou outros ingredientes.

No Ocidente, e mais concretamente em Portugal, a importação destes vasos parece ter ocorrido unicamente durante a primeira metade do século IV a.C. (Rouillard *et al*., 1988-1989, Ferreira, 2022), sendo relativamente bem conhecida na fachada litoral atlântica (para um levantamento recente destes achados ver Ferreira, 2022). No Baixo Tejo e Baixo Sado, destaca-se a sua presença em Lisboa, na Alcáçova de Santarém e em Alcácer do Sal (Arruda & Sousa, 2019; Ferreira, 2022).

Todos os exemplares documentados em Portugal, que totalizam 29 exemplares até à data, são de figuras vermelhas, tendo-se documentado, em termos decorativos, o Grupo do Pintor de Telos, o Pintor dos Tirsos Negros e Grupo do Pintor de Viena 1025. Contudo, os fenómenos de inspiração ou emulação documentados no Ocidente Peninsular nunca procuraram reproduzir as particularidades decorativas dos protótipos originais, ao contrário do que ocorreu em casos específicos da costa andaluza e oriental da antiga *Iberia*, sendo o caso mais emblemático o *krater* de colunas de Atalayuelas (Pachón Romero *et al*., 2007). A tendência predominante que se observa no território português é a selecção das produções cinzentas, com tonalidades escuras e superfícies polidas, para a manufactura destes recipientes, tendo as razões de tal escolha já sido exploradas num trabalho anterior (Sousa & Pimenta, 2017). Neste âmbito, os dados reunidos permitem constatar a utilização de elementos de inspiração grega em duas morfologias específicas no Ocidente Peninsular: as taças (inspiradas nas *kylikes* e/ou *stemmed cups* – Sousa & Pimenta, 2017) e agora também em grandes recipientes que parecem tomar como modelos os *krateres* de sino.

Não é de estranhar esta escolha morfológica, considerando que se trata das duas morfologias áticas mais frequentemente importadas no Extremo Ocidente durante a primeira metade do século IV a.C. Mais difícil é, contudo, aferir se estes critérios de selecção estão ou não associados também às funcio-

nalidades primárias dos vasos em que se inspiram: como já foi referido, as taças, nas suas múltiplas variantes, e os *krateres* são dois elementos fundamentais do *symposium* grego, sendo utilizadas para o consumo e a preparação do vinho.

No Extremo Ocidente, os dados arqueológicos não permitiram ainda documentar, de forma inequivoca, que a importação desses vasos gregos tenha também implicado a mimetização dessas práticas, ainda que tal cenário não seja, de todo, improvável. Com efeito, práticas análogas terão sido desenvolvidas no território peninsular desde a introdução dos produtos vinícolas pelas comunidades fenícias, em inícios do 1º milénio a.C. (McGovern, 2013), tendo permanecido como um produto indissociável das estratégias económicas e também das práticas sumptuárias e simbólicas das comunidades peninsulares (entre outros, Guerrero, 1995; Celestino Pérez & Zulueta de la Iglesia, 2004; Celestino & Blánquez, 2013). Não é, portanto, de estranhar que, durante a segunda metade do milénio, esses costumes tivessem adoptado/adaptado novas morfologias, desta vez associadas ao mundo helénico, e que talvez tenham inclusive alterado e/ou inovado as tradições pré-existentes.

Contudo, também é certo que as cerâmicas gregas foram consideradas, no Extremo Ocidente, como objectos de prestígio, tendo sido incorporadas com frequência nos horizontes funerários. Nestes casos, os *krateres* de sino são utilizados como urnas cinerárias, atendendo à realidade conhecida em Alcácer do Sal (Rouillard *et al*., 1988-1989; Gomes, 2021, p. 372), sendo uma idêntica situação também equacionada para o Cerro Furado (Arruda & Lopes, 2012), para não referir outros casos da área andaluza e ibérica (entre outros, Blánquez, 1995). As taças surgem também em contextos funerários, sendo, neste caso, mais difícil determinar a sua função exacta (oferenda ou utilização como cobertura das urnas), pelo menos nos contextos portugueses.

Ainda assim, estas mesmas formas surgem também em contextos de habitat e espaços religiosos, sendo nestes horizontes que se pode equacionar a sua relação com o consumo de líquidos e, em particular, do vinho. Focando especificamente o caso do Baixo Tejo, convém recordar que o cultivo da vinha doméstica está documentado na região deste o século VII a.C. (Leeuwaarden & Janssen, 1985), o que permite equacionar que o vinho consumido seria sobretudo de origem local, atendendo à escassez de produtos importados (Sousa, 2019). Ainda assim, cabe destacar a recente identificação de uma ânfora do tipo MGS IV no Noroeste Peninsular, em O Neixón (Sáez *et al*., 2019), que documenta, ainda que de forma aparentemente esporádica, a presença de vinho grego na fachada atlântica, não sendo também de excluir a eventual importação de vinho andaluz, sendo este um dos conteúdos equacionados para as ânforas de tipo Pellicer B/C (García Fernández, 2019, p. 143).

Neste âmbito, cabe salientar uma das particularidades identificadas na peça de cerâmica cinzenta do Largo de Santa Cruz, concretamente na película de fosfato de cálcio carbonatado.

Infelizmente, não foi possível determinar se este vestígio esteve relacionado um qualquer fenómeno pós-deposicional, com um eventual conteúdo ou função do recipiente, ou se se trata de um revestimento intencional.

Ainda que a sua relação com um qualquer processo pós deposicional não seja de excluir taxativamente, atendendo que a peça ostenta também algumas concreções brancas na superfície externa e em algumas fracturas, esta possibilidade não nos parece ser a mais provável. Com efeito, a película esbranquiçada visível na zona interior é consideravelmente mais espessa e regular, enquanto na zona externa as manchas surgem de forma mais errática, parecendo corresponder efectivamente a algum tipo de concreção, eventualmente também de natureza calcária. Por outro lado, estas evidências não surgem na outra peça de cerâmica manual recolhida no mesmo contexto, o que também dificulta admitir a relação com processos pós-deposicionais.

Sobre a segunda possibilidade elencada, cabe referir que situações semelhantes foram já detectadas em peças de cronologia posterior, especificamente de época romana, tendo sido consideradas como depósitos resultantes de mineralizações secundárias relacionadas com a fervura de líquidos, possivelmente de água (González Villaescusa *et al*., 2015). Apesar de ser uma hipótese interessante, cabe assinalar que, no caso da peça de Lisboa, não se identificam sinais evidentes da sua exposição ao fogo, para além da sua morfologia não ser de todo adequada a essa função.

No que diz respeito à hipótese de se tratar de um revestimento, o facto de a película estar documentada em toda a zona interna da peça, sempre com uma espessura em torno a um milímetro, poderia suportar a possibilidade de se tratar de uma aplicação intencio-

nal, destinada, provavelmente, a impermeabilizar a superfície interior do vaso. Considerando as pequenas zonas onde a película de fosfato de cálcio carbonatado estalou, é possível verificar que a superfície interna deste recipiente não parece ter sido alvo de polimento, ao contrário do que ocorreu na zona exterior. Poderia, portanto, equacionar-se e justificar-se a aplicação de um revestimento de forma a reduzir a permeabilização (Eliyahu-Behar *et al*., 2016), ainda que se trate de uma evidência singular no repertório artefactual da Idade do Ferro conhecido, até à data, em Lisboa. De qualquer forma, é tentador associar, em termos conjeturais, este cuidado ao serviço e preparação de um produto mais líquido mais particular, tal como o vinho. Contudo, apenas com futuras análises, direccionadas à detecção de resíduos orgânicos que permitam identificar eventuais conteúdos, será possível desenvolver esta questão.

A compreensão da importância e significado do consumo de vinho pelas comunidades da fachada centro atlântica, durante a Idade do Ferro, requer ainda dados contextuais mais precisos que permitam estabelecer as pautas sociais e simbólicas destas práticas. Contudo, não restam dúvidas que essas tradições foram suficientemente importantes para despoletar, nesta região, um fenómeno de emulação desses vasos exógenos de cariz luxuoso, cuja funcionalidade primária se associa à preparação e consumo de vinho. Resta ainda por determinar a intensidade e expressão quantitativa deste fenómeno, que até ao momento, e com estas formas concretas de cerâmica cinzenta (*krateres* e taças), se parece limitar, geograficamente, às bacias do Baixo Tejo e do Baixo Sado. Ainda assim, os dados estratigráficos e contextuais do exemplar do Largo de Santa Cruz permitem agora corroborar a proposta cronológica da inserção deste fenómeno durante a Idade do Ferro, a partir da primeira metade do século IV a.C. Os dados disponíveis sustentam que a utilização destes vasos de cerâmica cinzenta inspirados em modelos helénicos terá sido mantida até ao período romano republicano, pelo menos no caso das taças de pé desenvolvido e asas horizontais (Sousa & Pimenta, 2017). Como tal, é possível que estes materiais possam futuramente tornar-se em bons indicadores cronológicos para as fases mais tardias da Idade do Ferro na fachada central atlântica, ainda que sejam também necessárias mais informações para determinar a evolução deste repertório.

Neste aspecto, cabe ainda referir que este set de cerâmica cinzenta especificamente direccionado para o consumo de líquidos não engloba exclusivamente peças com influências helénicas, mas também outros recipientes que têm a sua origem nos repertórios locais. Trata-se, neste caso, dos jarros, que surgem no Baixo Tejo ainda durante o século VI a.C. (Sousa, 2021b, p. 152), mas que evoluem ao longo de toda a segunda metade do 1º milénio a.C., adquirindo, nos seus momentos finais, bocas trilobadas e até decorações com sulcos brunidos na zona superior do corpo (Pimenta *et al*., 2014a, Pimenta *et al*., 2019).

A configuração do set de bebida de cerâmica cinzenta da fase tardia da Idade do Ferro do Baixo Tejo e Baixo Sado parece, assim, reunir elementos autóctones e exógenos na configuração material desses costumes, cujas origens se radicam ainda em momentos antigos da Idade do Ferro regional, mas que terão sido influenciados pelos costumes helénicos a partir de meados do 1º milénio a.C.

Por último, resta referir que o fenómeno de incorporação de elementos helénicos nas produções locais associadas ao consumo de líquidos não é exclusivo da fachada central do Ocidente Atlântico, tendo sido também documentada, ainda que de forma mais selectiva e pontual, em zonas mais setentrionais como a Galiza (Amado *et al*., 2015; Rey Castiñeira, 2019) ou mesmo a sul, no interior alentejano (Fabião, 1999; Sousa, 2016).

BIBLIOGRAFIA

AMADO-RODRÍGUEZ, Esteban; RODRÍGUEZ-GARRIDO, Beatriz; GUITIÁN-FERNÁNDEZ, Esteban; RODRÍGUEZ-NÓVOA Alba; REY-CASTIÑEIRA, Josefa; LANTES-SUÁREZ, Oscar (2015) – Primeros ensayos para la caracterización de la cerâmica de la Edad del Hierro del NW Ibérico. In OLIVEIRA, César; MORAIS, Rui; MORILLO CERDÁN, Angel, eds. – *ArchaeoAnalytics. Chromatograpy and DNA analysis in archaeology*. Esposende: Município, pp. 103-117.

ARRUDA, Ana Margarida (2005) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 3, pp. 9-156.

ARRUDA, Ana Margarida; LOPES, Maria Conceição (2012) – Dois vasos gregos da necrópole do Cerro Furado (Baleizão, Beja – Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V. 2, pp. 401-415.

ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa (2019) – The Greek pottery of the Tagus estuary. In MORAIS, Rui, LEÃO, Delfim, PÉREZ, Diana, FERREIRA, Daniela, eds. – *Greek Art. Studies in honour of Sir John Boardman on the occasion of his 90th birthday*. Oxford: Archeopress, pp. 187-195.

BLÁNQUEZ PÉREZ, Juan (1995) – La necrópolis tumular ibérica de El Salobral (Albacete). *Verdolay*. Múrcia. 7, pp. 199-208.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian; ZULUETA DE LA IGLESIA, Paloma (2004) – *El ritual del agua y el vino en la protohistoria de la península ibérica"*. In *Actas del II Simposio de la Asociación Internacional de Historia y Civilización de la Vid y el Vino, estudios y documentos*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian; BLÁNQUEZ PÉREZ, Juan (2013) – A new interpretation of vine and wine archaeology. In CELESTINO PÉREZ, Sebastian; BLÁNQUEZ PÉREZ, Juan, eds. – *Patrimonio Cultural de la Vid y el vino*. Madrid/Almendralejo: Universidad Autónoma de Madrid, pp. 87-101.

ELIYAHU-BEHAR, Adi; SHAI, Itzhaq; REGEV, Lior; BEN-SHLOMO, David; ALBAZ, Shira; MAEIR, Aren; GREENFIELD, Haskel (2016) – Early Bronze Age Pottery Covered with Lime-Plaster: *Technological Observations*. Tel Aviv. 43: 1, pp. 27-42. DOI: 10.1080/03344355.2016.1161373.

FABIÃO, Carlos (1999) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Edição policopiada.

FERNANDES, Lídia; COROADO, João (no prelo) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana do Teatro Romano de Lisboa: proveniência das produções cerâmicas dos sécs. IV e III a.C. (campanha arqueológica de 2010).

FERREIRA, Daniela (2022) – *A cerâmica grega na fachada atlântica da Península Ibérica*. Porto: Universidade.

FERREIRA, Luís, SOUSA, Elisa, PEREIRA, Manuel, GUERRA, Sandra, FERREIRA MACHADO, Isabel (2020) – An archaeometric study of Phoenician ceramics found at São Jorge Castle´s hill in Lisbon. *Ceramics International*. Elsevier. 46-6, pp. 7659-7666. https://doi.org/10.1016/j.ceramint.2019.11.267.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José (2019) – Rumbo a poniente: el comercio de ánforas turdetanas en la costa atlántica de la península ibérica (siglos V-I a.C.). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 92, pp. 119-153.

GOMES, Francisco (2021) – *A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal). Práticas funerárias, cultura material e identidade(s) na Idade do Ferro do Baixo Sado (séculos VII-II a.n.e.)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo; QUEVEDO, Alejandro; JÁRREGA, Ramon; PECCI, Alessandra; ONTIVEROS Miguel (2015) – La céramique culinaire africaine. Typo-chronologie, fonction et diffusion de la forme Uzita 48.1. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid. 45-2, pp. 169-194.

GUERRA, Sandra; SOUSA, Elisa (2020) – Intervenções no Largo de Santa Cruz do Castelo 6-7: dados preliminares sobre a ocupação da Idade do Ferro. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa. Atas.* Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa e Câmara Municipal de Lisboa, pp. 11-35.

GUERRERO, Victor (1995) – El vino en la Protohistoria del Mediterráneo occidental. In CELESTINO PÉREZ, Sebastian, ed. – *Arqueología del vino. Las orígenes del vino en Occidente*. Jerez de la Frontera: Consejo Regulador de las Denominaciones de Origen, pp. 73-104.

LEEUWAARDEN, Wim; JANSSEN, C. (1985) – A preliminary palynological study of peat deposit near an oppidum in the lower Tagus valley. In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa. 2, pp. 225-235.

MCGOVERN, Patrick (2013) – From East to West: the Ancient Near Eastern "Wine Culture" travels land and sea. In CELESTINO PÉREZ, Sebastian, BLÁNQUEZ PÉREZ, Juan, eds. – *Patrimonio Cultural de la Vid y el vino*. Madrid/Almendralejo: Universidad Autónoma de Madrid, pp. 233-241.

MOORE, Mary (1997) – *Attic red-figured and white-ground pottery. The Athenian Agora, Results of excavations conducted by The American School of Classical Studies at Athens,* vol. XXX. Princeton, New Jersey.

OLAIO, Ana (2018) – O povoado da Quinta do Almaraz (Almada, Portugal) no âmbito da ocupação no Baixo Tejo durante o 1º milénio a.n.e.: os dados do conjunto anfórico. *Spal. Sevilha. 27.2,* pp. 125-163. DOI: http://dx.doi.org/10.12795/spal.2018i27.18.

PACHÓN ROMERO, Juan; CARRASCO RUS, Javier; ANÍBAL GONZÁLEZ, Cayetano (2007) – Realidad imitada, modelo imaginado, o revisión de las tradiciones orientalizantes en tiempos ibéricos, a través de la crátera de columnas de Atalayuelas (Fuerte del Rey /Torredelcampo, Jaén). *Antiqvitas*. Córdova. 18-19, pp. 17-42.

PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2014a) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. In ARRUDA, A. M., ed. – *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa: Centro de Arqueologia, vol. 2, pp. 724–735.

PIMENTA, João; GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana; MOTA, Nuno; MIRANDA, Pedro (2014b) – O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.16-20) – Lisboa. In *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo.* Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira (*CIRA Arqueologia*, 3), pp. 122-148.

PIMENTA, João; SILVA, Carlos T.; SOARES, Joaquina; PEREIRA, Teresa (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*. Lisboa. 3, pp. 45-79.

REY CASTIÑEIRA, Josefa (2019) – Cultura castrexa. Territorios, tiempos y aculturaciones. In FERRER ALBELDA, Eduardo, ed. – *La ruta de las Estrímnides*. Alcalá de Henares: Universidad, pp. 423-447.

ROUILLARD, Pierre; PAIXÃO, António C.; VILLANUEVA-PUIG, Marie; DURAND, Jean (1988-1989) – Les vases grecs d' Alcácer do Sal (Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, vol. 6/7, pp. 43-108.

SÁEZ ROMERO, António; GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco; FERRER-ALBELDA, Eduardo; RODRÍGUEZ-CORRAL, Javier; CATIÑEIRA REY, Josefa (2019) – Proyecto Estrímnides: resultados preliminares. In FERRER ALBELDA, E., ed. – *La ruta de las Estrímnides*. Alcalá de Henares: Universidad, pp. 567-648.

SALMA-ANCANE, Kristine; BORODAJENKO, Natalja; PLATA, Anna; BERZINA-CIMDINA, Liga; STUNDA-ZUJEVA, Agnese (2008) – *Fourier Transform Infrared Spectra of Technologically Modified Calcium Phosphates*. DOI: 10.1007/978-3-540-69367-3_19.

SOUSA, Elisa (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Estudos e Memórias, 7. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

SOUSA, Elisa (2015) – Alcune considerazioni sulla Età del Ferro nella costa atlantica occidentale. *Rivista di Studi Fenici*. Roma. 43, pp. 145-160.

SOUSA, Elisa (2016) – From Greek to Roman Pottery in the Far West. In JAPP, Sarah, KÖGLER, Patricia, eds. – *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: Phoibos Verlag, pp. 17-28.

SOUSA, Elisa (2017) – Percorrendo o Baixo Tejo: Regionalização e Identidades Culturais na 2ª metade do 1º milénio a.C. In CELESTINO PÉREZ, Sebastian, RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Esther, eds. – *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartesica*. Madrid: CSIC, pp. 295-318.

SOUSA, Elisa (2019) – O comércio na costa atlântica portuguesa durante a segunda metade do 1º milénio a.C. In FERRER ALBELDA, Eduardo, ed. – *La ruta de las Estrímnides*. Alcalá de Henares: Universidad, pp. 499-520.

SOUSA, Elisa (2021a) – A cerâmica cinzenta. In SILVA, Carlos T., SOARES, Joaquina, coords. – *O Castro de Chibanes na conquista romana. Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017*. Setúbal: MAEDS, pp. 131-148.

SOUSA, Elisa (2021 b) – A cerâmica cinzenta do estuário do Tejo durante a Idade do Ferro: algumas precisões sobre a sua cronologia, tipologia, produção e consumo. *CuPAUAM*. Madrid. 47-1, pp. 127-167.

SOUSA, Elisa, GUERRA, Sandra (2018) – A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valência. 50, pp. 57-88. DOI: 10.7203/SAGVNTVM.50.10636.

SOUSA, Elisa; GUERRA, Sandra (no prelo) – A ocupação da Idade do Ferro de Lisboa (Portugal): novos dados sobre as intervenções realizadas no Largo de Santa Cruz do Castelo.

SOUSA, Elisa; PIMENTA, João (2014) – A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In MORAIS, Rui, FERNÁNDEZ, Adolfo, SOUSA, Maria, eds. – *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia. Monografias Ex Officina Hispana II*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 1, pp. 303- 316.

SOUSA, Elisa, PIMENTA, João (2017) – Produções cerâmicas de inspiração grega no Vale do Baixo Tejo. In *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 887-896.

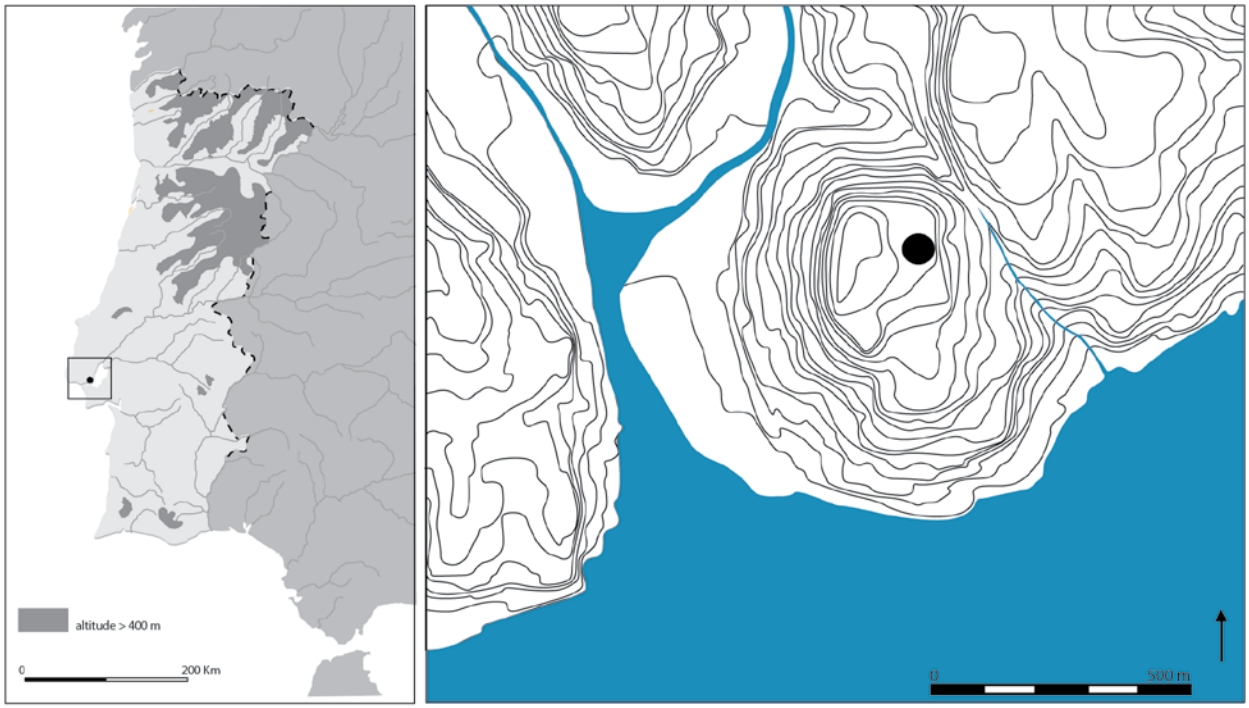

Figura 1 – Localização de Lisboa no actual território português (esquerda) e do Largo de Santa Cruz na Colina do Castelo de São Jorge (segundo Pimenta 2005, modificado).

Figura 2 – Largo de Santa Cruz: enchimento da U.E. [24].

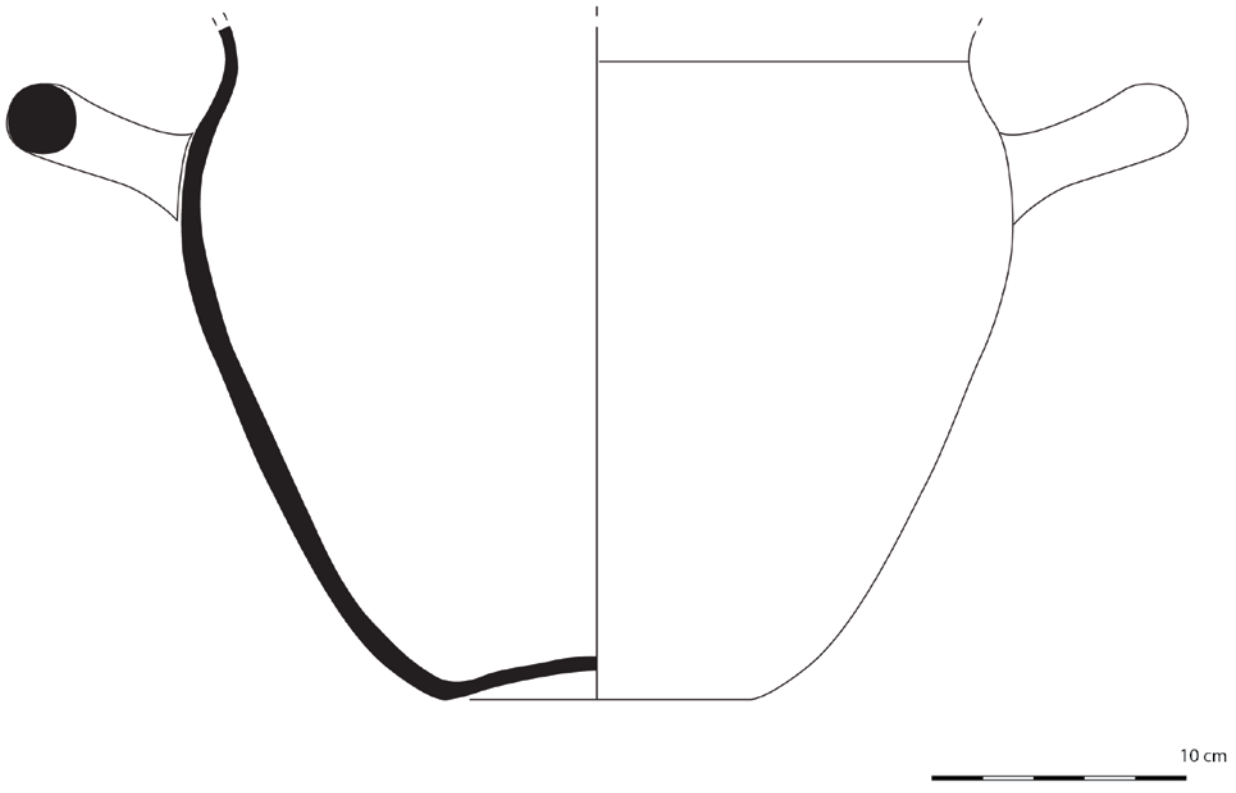

Figura 3 – Vaso de cerâmica cinzenta do Largo de Santa Cruz.

Figura 4 – Pormenores da asa e superfície interna do vaso de cerâmica cinzenta do Largo de Santa Cruz.

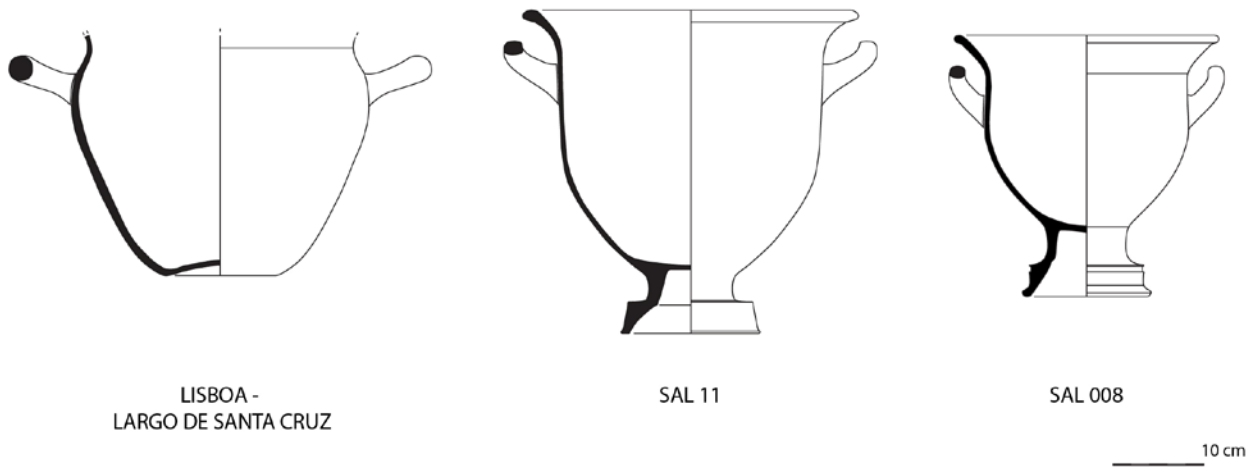

Figura 5 – A peça do Largo de Santa Cruz e dois krateres de Alcácer do Sal (segundo Ferreira 2022).

Figura 6 – Fotografia da pasta do vaso do Largo de Santa Cruz.

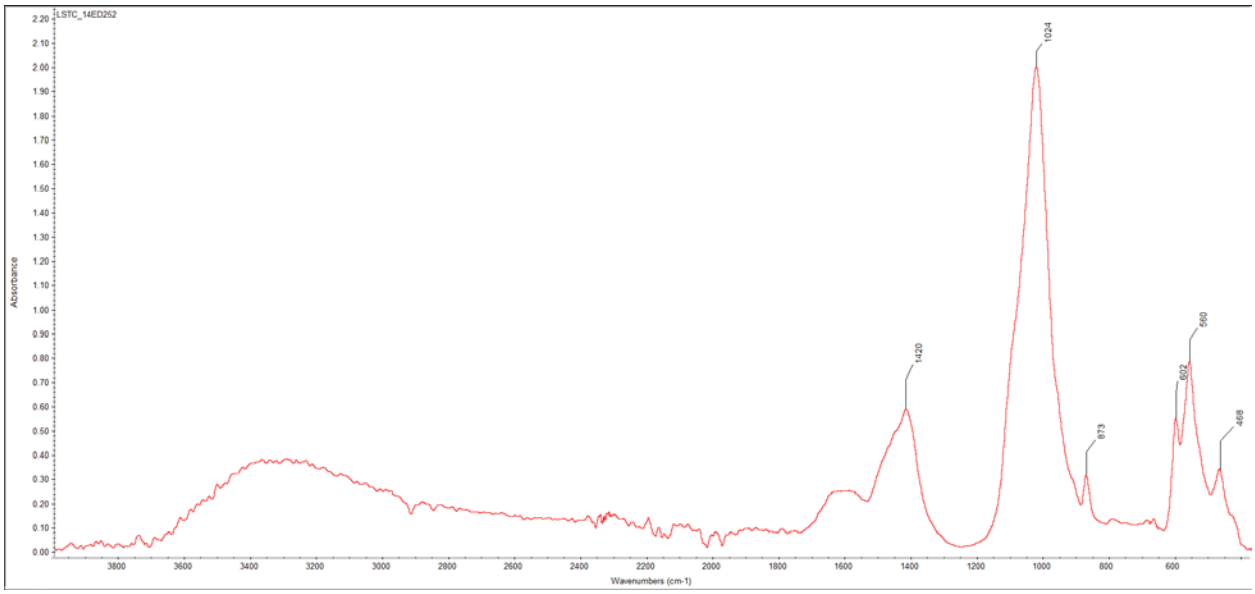

Figura 7 – Resultados da análise FTIR.

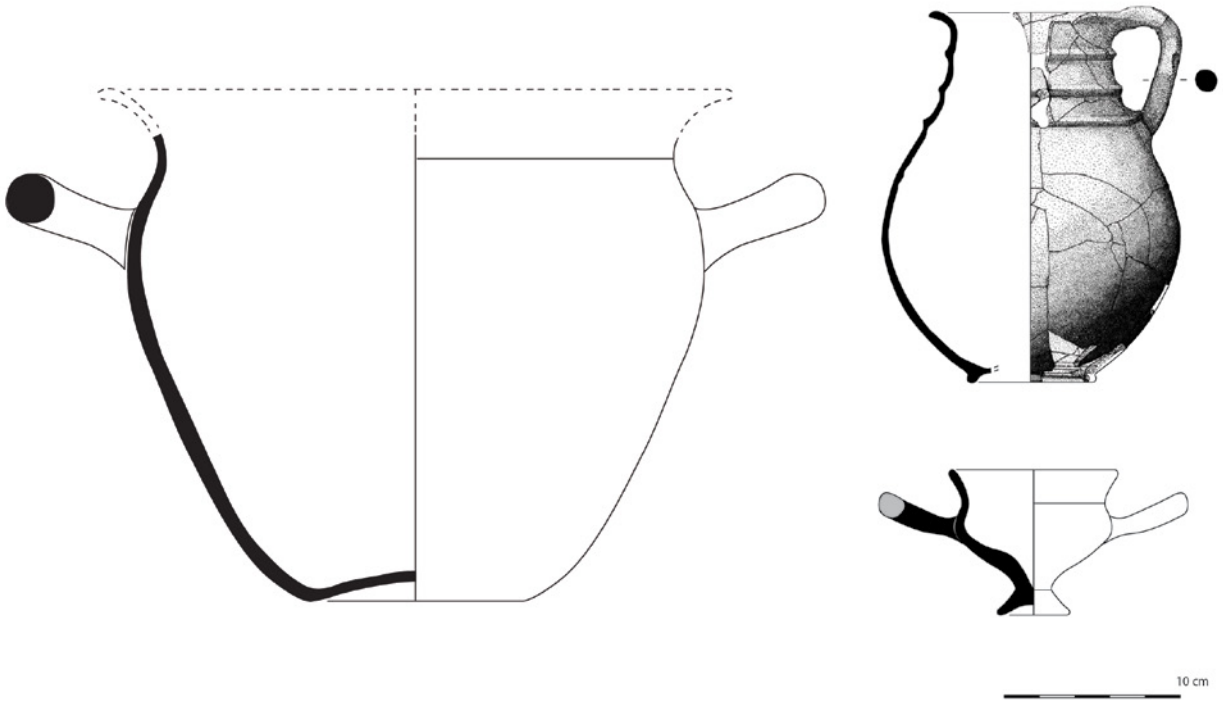

Figura 8 – Set de cerâmica cinzenta da fachada ocidental centro-atlântica para o consumo de líquidos (imagens adaptadas de Cardoso et al. 2014; Arruda et al. 2002).

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

1 2 9 0 FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE D COIMBRA

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA DHEESA • FACULDADE DE LETRAS • UC PALÁCIO DE SUB-RIPAS

CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES CEIS20 | Universidade de Coimbra

Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património UI&D 281

fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia

UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

PATRIMÓNIO CULTURAL Direção-Geral do Património Cultural

MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

CONIMBRIGA

seminário maior de coimbra